



HISTÓRIA DAS OLIMPIADAS (7)

# Guerra fria separa a vila olímpica

## HELSINQUE, 1952

O quadro de medalhas

País	Ouro	Prata	Bronze
1º Estados Unidos	40	19	17
2º União Soviética	22	30	19
3º Hungria	16	10	16
4º Suécia	12	13	10
5º Itália	8	9	4
6º Tchecoslováquia	7	3	3
7º França	6	6	6
8º Finlândia	6	3	13
9º Austrália	6	2	3
10º Noruega	3	2	—
24º Brasil	1	—	2

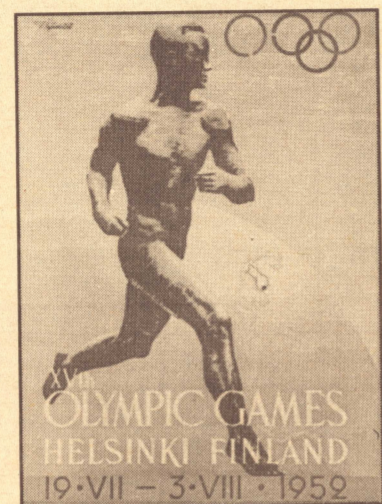
**Demais colocações**  
 11º Suíça(14); 12º África do Sul(10); 13º Jamaica(5); 14º Bélgica(4); 15º Dinamarca(6); 16º Turquia(3); 17º Japão(9); 18º Inglaterra(11); 19º Argentina(5); 20º Polónia(4); 21º Canadá(3); 22º Iugoslávia(3); 23º Romênia(4); 25º N. Zelândia(3); 26º Índia(2); 27º Luxemburgo(2)

Obs: Os números entre parênteses indicam o total de medalhas conquistadas

Os traumas da guerra começavam a desaparecer mas a política entrava em cena para interferir na relação entre países

NICO NORONHA

A história registra que os XV Jogos Olímpicos, realizados em



Helssinque, no ano de 1952, foram os mais alegres da história. Os traumas da segunda guerra desapareciam, a organização da festa se mostrava perfeita, multiplicava-se o número de jornalistas a divulgar o evento para os quatro cantos do mundo (1.800 foram credenciados), e muitos atletas apresentaram desempenhos fantásticos.

Já na abertura, a presença de Paavo Nurmi carregando a tocha olímpica foi motivo de emoção para as 70 mil pessoas presentes ao estádio. Nurmi, o precursor da linhaagem dos "finlandeses voadores", que maravilham o mundo nos anos 20, havia sido punido pelo Federação Internacional de Atletismo e impedido de participar dos Jogos de 1932. Consideraram-no profissional e o afastaram na véspera de sua estréia. Este fato, somado ao sigilo de que seria ele a carregar a tocha, foi suficiente para tocar o coração dos milhares de compatriotas que estavam no estádio, quando ele fez a volta olímpica.

SEPARADOS — Destoou do clima geral, a insistência dos integrantes do bloco soviético em ter uma vila olímpica própria. Insistiram e levaram.

ram. A União Soviética, que pela primeira vez se apresentava numa Olimpíada, mais Hungria, Polónia, Bulgária, Romênia e Tchecoslováquia acabaram hospedadas no que ficou conhecido como *campus oriental*. Era a guerra fria que dava o ar de sua graça através da maior competição esportiva do planeta, fato que se repetiria ao longo da história.

Quem saiu do *campus oriental* para, nas pistas, confirmar ser o maior nome do atletismo, foi o tcheco Emil Zatopek, vencendo a maratona, os 5 mil e os 10 mil metros. Não chegou a ser novidade, pois todos já sabiam de seu potencial. A curiosidade ficou por conta da medalha de ouro conquistada por sua mulher, Dana, no dardo.

Apesar de contar com o fenômeno Zatopek, os soviéticos acabaram derrotados pelos norte-americanos na corrida pelas medalhas. Só no boxe, os representantes dos Estados Unidos ficaram com cinco de ouro, uma delas para o inesquecível Floyd Patterson, que em 1956, aos 21 anos, se transformaria no mais jovem pugilista a alcançar o título mundial profissional dos pesados.



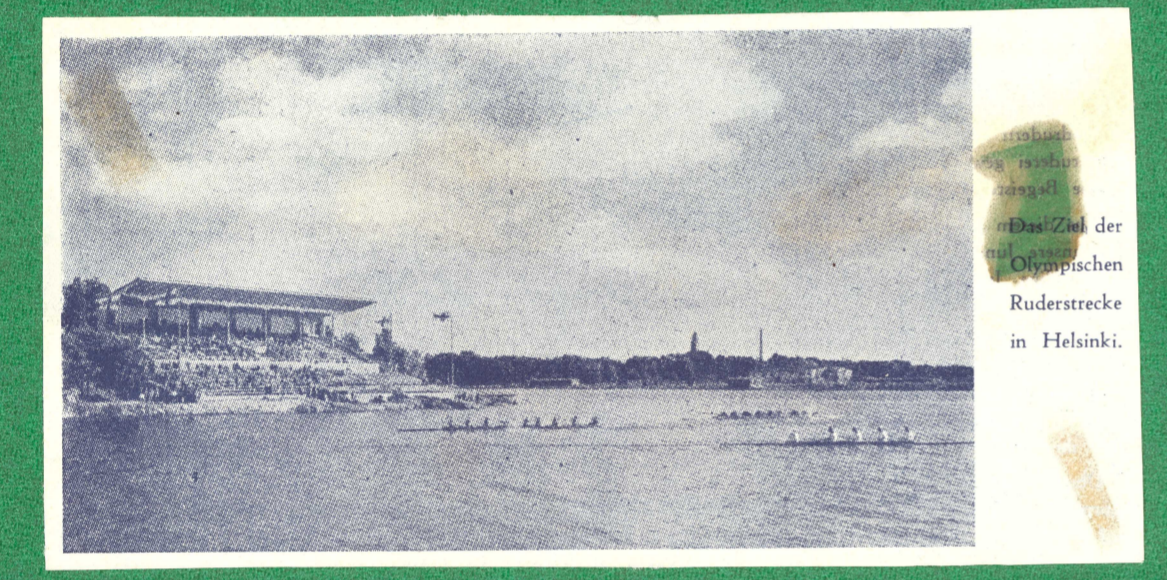
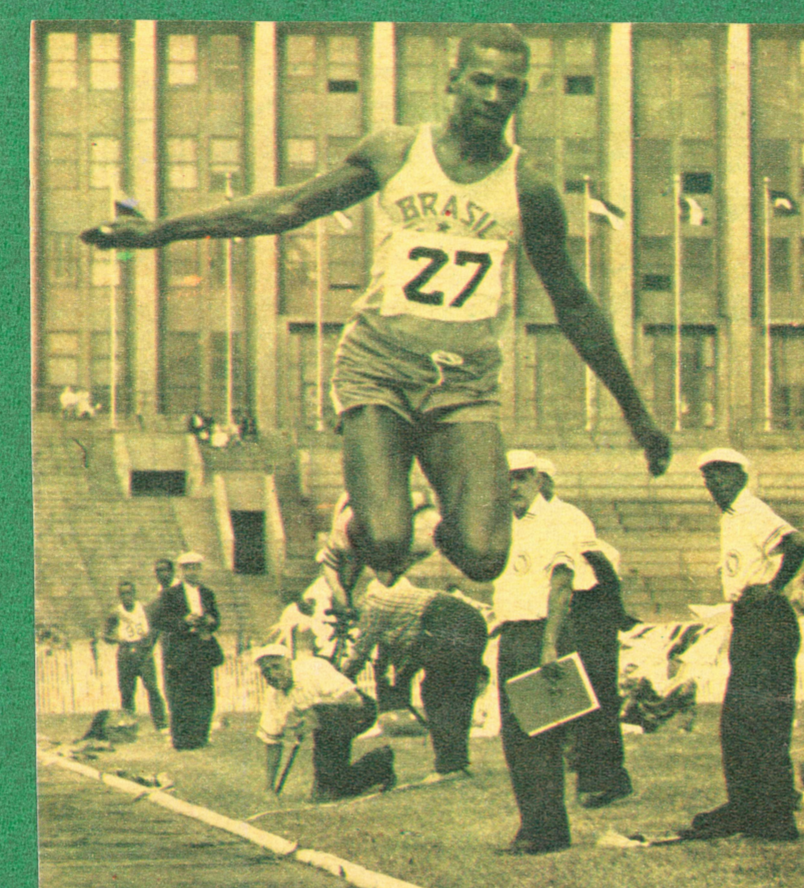
## Salto de Adhemar vale ouro

Até a Olimpíada de 1952, apenas um brasileiro conseguira ganhar medalha de ouro: Guilherme Paraense, no tiro, em 1920, na Antuérpia. O longo jejum foi quebrado em Helsinque, através dos fantásticos saltos triplos de Adhemar Ferreira da Silva. Ele era o recordista mundial desde 1951, quando pulara 16m01cm durante o Troféu Brasil. Mas melhorou sua marca em quatro das seis tentativas regulamentares: primeiro para

16m05cm, depois para 16m09cm, 16m12cm, e finalmente o 16m22cm que valeram o ouro e o aplauso sincero de dezenas de milhares de torcedores.

Entretanto, a homenagem que mais sensibilizou Adhemar veio da gorda e simpática cozinheira finlandesa, que servia as refeições na vila olímpica. Quando Adhemar retornou do estádio, ela o esperava com um enorme bolo no qual constava, em cima, a marca conseguida algumas horas antes. O bolo foi entregue logo após um caloroso abraço.

Adhemar Ferreira da Silva (que voltaria a ganhar medalha de ouro no triplo, em Melbourne, em 56) não foi o único brasileiro a subir ao pódio nos Jogos de 52. José Telles da Conceição conquistou o bronze no salto em altura, e Tetsuo Okamoto outro bronze nos 1.500 metros livre.



# XV JOGOS OLÍMPICOS 1952 HELSINQUE

A UNIÃO SOVIÉTICA FAZ A SUA ESTRÉIA. E OS JOGOS SE TRANSFORMAM NUMA DISPUTA QUASE POLÍTICA: CAPITALISMO CONTRA COMUNISMO. MAS OS MAIORES HERÓIS DE HELSINQUE NÃO SERÃO NEM RUSSOS, NEM AMERICANOS.

Em abril de 1951, fundou-se o Comitê Olímpico Soviético. Em maio, o novo organismo foi oficialmente reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional. Em junho, Moscou anunciava para todos os cantos da terra que a União Soviética estaria presente aos XV Jogos Olímpicos da era moderna, programados para o ano seguinte, em Helsinque.

Essa sucessão de fatos — normalmente rotineiros dentro da burocracia olímpica — foi o bastante para convulsionar o mundo do esporte. A imprensa dos Estados Unidos (e da própria União Soviética) gastou tanto espaço em especulações em torno do que "deveria acontecer em Helsinque", que logo se criou uma espécie de guerra fria esportiva à qual ninguém, nem mesmo a mais neutra das nações, pôde manter-se alheio. De um lado, o *New York Times* temia que os Jogos Olímpicos passassem por um processo de deformação, na medida em que os soviéticos certamente se valeriam deles para provar que o comunismo era capaz de produzir um punhado de superatletas. Do outro, o *Isvezia* lembrava que os

americanos sempre haviam se utilizado do esporte como propaganda capitalista. Logo, por que não haveriam de fazê-lo novamente em Helsinque?

Quem começou a acusar quem, nunca se soube. Como numa imaginária guerra nuclear, o mundo de fato explodiu, sem que se descobrisse quem primeiro apertou o botão. Nos doze meses que antecederam à abertura oficial dos XV Jogos Olímpicos, a 19 de julho de 1952, as especulações feitas pelos jornais cresceram de tal forma que acabaram contagiando a opinião pública nos dois países. Nos Estados Unidos, mais do que em relação ao nazismo, em 1936, situava-se o problema em termos de uma necessária vitória sobre o comunismo. Na União Soviética, a mesma coisa. Aqui e ali, alguns exageros: um artigo do *Reader's Digest* tentava manter os

Abertura dos Jogos no Estádio Olímpico de Helsinque: frente a frente, pela primeira vez, russos e norte-americanos.



Hungria: campeã em Helsinque e um dos maiores times de todos os tempos.

americanos "bem informados" sobre o esporte soviético, assegurando que o Estado obrigava todos os jovens a gastarem pelo menos duas horas por dia com o atletismo, a natação ou qualquer outra atividade ligada à cultura física. Como diria o apresentador de televisão, Ed Sullivan, na União Soviética só havia duas opções: ou o esporte, ou a Sibéria. Em Moscou, não se fazia por menos: todos os amadores americanos eram profissionais, regimento pagos, embora camuflados de estudantes universitários. E tudo indicava que o capital americano seria usado, em parte, para subornar os juizes olímpicos. Daí a necessidade de os soviéticos mandarem para Helsinque uma delegação numerosa: mais de trezentas pessoas, entre atletas, técnicos, dirigentes e homens para ficar de olho nos juizes.

Uma guerra: russos contra americanos

Em Moscou, o Estado pôs vultosa soma à disposição do Comitê Olímpico Soviético, a fim de que nada faltasse aos atletas que representariam o país em Helsinque. Em Los Angeles, uma campanha popular foi organizada com o objetivo de se arrecadar 850 000 dólares para o preparo das equipes americanas. Dois famosos nomes do cinema, Bing Crosby e Bob Hope, puseram-se à frente dessa campanha, ao fim da qual o Comitê Olímpico Americano pôde contar com meio milhão de dólares acima de uma verba que, sem a campanha, já era alta.

Com tudo isso, era de se esperar que as relações entre americanos e soviéticos, em Helsinque, fossem de quase estremecimento. Mas elas acabaram sendo frias. E os Jogos Olímpicos, que os finlandeses organizaram com sôbria meticulosidade, nada perderam com a rivalidade entre os dois países. De certo modo, ganharam, pois os índices técnicos das diver-

saudou o como se ele estivesse entrando no estádio, não para acender a pira, mas para ganhar uma dura corrida de 10 000 metros.

Outro herói, nem soviético, nem americano, foi o brasileiro Ademar Ferreira da Silva, campeão do salto triplo, superando em quatro tentativas o recorde mundial e estabelecendo a nova marca de 16,22 metros. Também herói, nem soviético, nem americano, foi o húngaro Jozsef Csermack, com o espantoso recorde de 60,34 metro para o lançamento do martelo. Heroina, nem soviética, nem americana, mas australiana, foi a imprevsível Marjorie Jackson, vencendo os 100 e os 200 metros rasos, também com novos recordes. Um grupo de heróis, nem soviéticos, nem americanos, foram os húngaros no futebol. Sua equipe — onde figuravam jogadores como Puskas, Kocsis, Hidegkuti, Bozsik, Csibor, Grosics, Buzanszky — foi uma das mais famosas de todos os tempos, não apenas nos Jogos Olímpicos, mas depois deles. Nos dois anos seguintes, a seleção húngara enfrentaria as melhores equipes do mundo, seria a primeira a derrotar a Inglaterra em Wembley (Londres), não perderia uma partida sequer e só por uma fatalidade não ganharia a Copa de 1954, na Suíça.

Mas os maiores heróis, entre todos os que competiram em Helsinque, nem soviéticos, nem americanos, vieram de Praga. Eram dois e tinham muitas afinidades: haviam nascido no mesmo bairro, e no mesmo dia (19 de setembro de 1922), tinham freqüentado a mesma universidade, gostavam das mesmas coisas, cinema, teatro, livros e flores, e certamente eram ambos apaixonados pelo esporte. Tinham até o mesmo sobrenome, pelo simples fato de serem casados: Emil e Dana Zatopek.



Ford Konno, nadador dos Estados Unidos, campeão dos 1 500 metros, nado livre, e da prova de revezamento 4x200 metros.



O reverendo Bob Richards (EUA), campeão do salto com vara (4,55 metros).

vencido os 5 000 e os 10 000 metros, provas disputadas com apenas um dia de intervalo, seria o suficiente para demonstrar até que ponto ia a sua resistência. E a resistência — diziam os técnicos — era tudo, numa prova de fundo. Zatopek, porém, não concordava com os técnicos, revolucionando, em 1952, toda a teoria cuidadosamente elaborada pelos especialistas em corridas de longa distância. Até então, os treinadores

preparavam seus fundistas tendo em mente apenas um fator: a resistência. Dosá-la durante o percurso, através de técnicas de respiração, alternando passadas largas com outras mais curtas, parecia o segredo de tudo. A explosão — característica principal dos *sprinters* — não contava. De que adiantava um corredor veloz, explosivo, numa prova acima de 3 000 metros, se toda a sua velocidade poderia ser minada, logo adiante, por uma resistência mal dosada?

Pois Emil Zatopek uniu as duas coisas: resistência e explosão, mesmo nas corridas de fundo. Ele provou que um atleta técnica e fisicamente bem preparado — e é exatamente o seu caso — poderia resistir a qualquer distância, inclusive os 42 quilômetros de uma maratona, e ao mesmo tempo valer-se da força da explosão para imprimir velocidade à corrida. Não satisfeito em ganhar os 5 000 e os 10 000 metros, Zatopek atingiu o impossível: tornou-se campeão também da maratona, numa tríplice vitória em corridas de fundo, façanha que nenhum outro atleta jamais igualou. E até 1958, quando abandonou definitivamente as corridas, ele haveria de estabelecer nada menos de dezoito

recordes mundiais, em 68 vitórias internacionais. Foi por tudo isso que o chamaram de *Locomotiva Humana*.

Mas, no meio de tantos heróis, é evidente que soviéticos e americanos também obtiveram os seus triunfos. Bob Mathias repetiria seu sucesso de quatro anos atrás, com novo recorde mundial para o decatlo, e Bob Richards, um reverendo de Cleveland, iria tão alto no salto com vara, que um jornal francês escreveu:

— Mais um pouco e o reverendo acaba chegando ao céu.

Quanto aos soviéticos e americanos também obtiveram os seus triunfos. Bob Mathias repetiria seu sucesso de quatro anos atrás, com novo recorde mundial para o decatlo, e Bob Richards, um reverendo de Cleveland, iria tão alto no salto com vara, que um jornal francês escreveu:

Felizmente, os XV Jogos Olímpicos terminaram em paz. E nem poderia ser de outra forma: americanos e soviéticos acabaram se convencendo, em Helsinque, que o melhor era não apertar o botão.



Perseguido pelo francês Mimoun e pelo alemão Schade, o tcheco Zatopek vai ganhar a prova dos 5 000 metros. Caído, o inglês Chataway.